

A ATUALIDADE DE ROUSSEAU

No dia 28 de junho de 2012, organizou-se na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, por iniciativa do Grupo de Pesquisa Filosofia, Educação e Práxis Social – FEPráxiS, um pequeno evento para celebrar os trezentos anos do nascimento de Jean-Jacques Rousseau. Não era esta uma homenagem isolada: em toda parte, no Brasil e pelo mundo, a data deu origem a seminários e colóquios, fazendo-se igualmente ocasião para inúmeras publicações acerca da obra e do pensamento do filósofo genebrino. Mas como poderia ser de outra forma, em se tratando de um autor que, diferentemente de tantos que habitam nosso panteão filosófico, influenciou de forma direta e decisiva seu tempo — tornando-se fonte reconhecida de inspiração para os grandiosos eventos da época e, assim, referência incontornável para todos que pretendem conhecer mais do que superficialmente a história dos movimentos revolucionários, ou do pensamento da esquerda, ou da educação na modernidade?

A autoridade que Jean-Jacques Rousseau amealhou nos domínios teóricos da filosofia política, da educação e da antropologia – que, cedo, ultrapassou os muros da academia – se deveu à força de sua escrita, à acuidade de sua crítica, à firmeza de seus argumentos, em uma época, admitamos, bastante excepcional. Estas virtudes não foram, porém, cultivadas por um humor afável, pela ponderação de propósitos, pela capacidade de chegar-se ao poder. Pelo contrário, foram conquistadas por uma sensibilidade corrosiva, e tiveram como preço o isolamento progressivo do autor, assim como os muitos detratores que acumulou.

Uma filosofia, pois, bastante provocadora: e se, desde então, multiplicaram-se comentários e comentaristas em dimensões apenas condizentes com a vastidão da obra, é sem dúvida porque, ao longo de todo este tempo, nos campos mencionados e ainda em muitos outros – como a literatura, os estudos culturais, a música, a botânica – o pensamento de Rousseau fez diferença. Mas ainda o faria, hoje?

Hélas, hoje, mais do que nunca, talvez, Rousseau se veria exilado dos salões bem pensantes da (sempre auto-) proclamada *intelligentsia* mundana: é que seu estilo de fazer filosofia, convenhamos, tornou-se francamente *démodé*. Se não, vejamos: que intelectual ousaria, em nossos dias, voltar seu questionamento, não

contra ideias e fórmulas ultrapassadas e há muito denunciadas, mas contra atitudes e práticas instituídas e dominantes – inclusive e, sobretudo, as que mais diretamente concernem o *establishment*? Que intelectual, por sua vaidade exposto ao jogo de sedução da fama e do reconhecimento público, permaneceria livre para estabelecer as conexões que incomodam, para proferir as palavras que dividem?

Contraste sombrio! Em vão buscaremos hoje aqueles que, assumindo a linhagem filosófica imemorial, farão das palavras antigas um verdadeiro legado... Conhecemo-las bem: *Amicus Plato, sed magis amica veritas*, eis como a tradição sintetizou a incômoda injunção aristotélica do amor à verdade¹ sobre todas as coisas, para além de toda admiração sincera, e acima de qualquer outra fidelidade. Há, porém, versões mais recentes e ainda mais contundentes da famosa frase, como a que inspirou H. Arendt– essa autora que ousou desafiar mais de um sagrado dogma de seu tempo, pagando por isso o preço caro da injustiça. Dizia ela: «...nossas decisões concernindo o justo e o injusto repousam sobre a escolha de nossas companhias...² Outros tempos, outras prerrogativas:

No vocabulário pessoal de Hannah Arendt, os verdadeiros homens, *wirkliche Menschen*, eram «párias». Seus amigos, não eram, propriamente falando, «excluídos», mas, o que foi por escolha e destino, «marginais»: eles eram, simplesmente, não-assimilados, na mais ampla acepção do termo. «O não-conformismo, afirmou claramente, uma vez, é a condição *sine qua non* da realização intelectual.»³

Assim, a pergunta que não saberia faltar a uma apresentação como a nossa – sobre a atualidade de Rousseau – tem, descobrimos, pelo menos duas faces.

Pela interrogação sobre os sentidos que ainda hoje encerram os questionamentos e formulações de Jean-Jacques Rousseau, buscaram responder os diferentes artigos reunidos nesta coletânea, que tratam dessas tantas questões – autonomia e crítica, filosofia, democracia, educação, infância, linguagem e criação... O primeiro desses artigos, formado por fragmentos do famoso texto de Robert Derathé, na tradução segura da professora Suzana Albornoz, testemunha o fino trabalho intelectual que Rousseau jamais cessou de inspirar. Quanto aos demais, não obstante as diferentes formações, interesses e trajetórias dos diferentes

¹ Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 1096 a 15.

² Ronald Beiner, Hannah Arendt et la faculté de juger, in Hannah Arendt. *Juger. Sur la philosophie politique de Kant*. Paris : Seuil, «Points», 2003, p. 162-163.

³ Elisabeth Young-Bruehl, *Hannah Arendt. Biographie*. Paris : Calmann-Lévy, 1999, p. XXXII.

colaboradores dessa coletânea, o certo é que, cada um a seu modo, todos também entenderam bem a responsabilidade que lhes cabe em seu ofício acadêmico. Porque a polissemia própria às línguas e às linguagens serve de oportunidade tanto para desentendimentos quanto para encontros, esses textos são a marca do diálogo inexaurível que a filosofia sabe provocar. O leitor os encontrará organizados nos três últimos blocos, dedicados à educação, à política e à singularidade da filosofia de Rousseau. Os que conhecem a obra do filósofo decerto observarão que, para ele, a definição do modo de ser da sociedade depende tanto da atividade política que lhe traça os contornos quanto da formação dos indivíduos que irão habitá-la; e nos objetarão ainda que a reflexão rousseauiana é exemplarmente encarnada, tornando a distinção entre autor e obra até certo ponto um exercício ocioso. Por isso mesmo, convém ressaltar que, mais do que identificar temáticas isoladas, esses blocos têm por objetivo enfatizar desdobramentos que a obra pôde suscitar. Assim, no primeiro deles, «Rousseau educador», o texto de Neiva Oliveira, Avelino Oliveira e Patrícia Becker, assim como o de Leoni Henning permitem considerar a significativa influência do filósofo na reconstrução da noção de infância – que em sua pena despe-se tanto da viciante influência do paradigma do adulto quanto da atual reificação a que vem sendo submetido – bem como suas implicações para a educação; já o texto de Fausto Amaral Filho propõe uma chave de leitura destinada a nos fazer repensar o alcance e os limites da *opera magna* do pensamento educacional do filósofo, o *Emílio*. O segundo bloco, dedicado a «Rousseau e a política», reúne os artigos de Vilmar Pereira e Rossana Leiria sobre a importância do *Contrato Social* e, particularmente, do conceito de *vontade geral* para a reflexão sobre os impasses de nosso tempo; de Danilo Streck, buscando igualmente elucidar algumas das importantes contribuições do filósofo para o pensamento e a prática política na América Latina; e o de Kelin Valeirão, Mirela Moraes e Letícia Corrêa, que destacam a radicalidade crítica que tornou famoso nosso autor. O último bloco, «Rousseau marginal», faz referência às marcas que a extrema singularidade do filósofo imprimiram em sua existência e obra, como busca evidenciar o exame de Lílian do Valle, assim como em seu pensamento e modo de fazer filosofia – como tão bem destacou Marlene Dozol.

Mas, para além desses desdobramentos possíveis que a presente coletânea buscou reunir, a questão da atualidade, parece-nos bastante claro, sempre se volta, também, para nós próprios e para nossa época. Assim, perguntar

pela atualidade de Rousseau implica em indagar, também, a atualidade de nosso compromisso com a filosofia, e significa perguntar, ainda, sobre nossa sociedade, sobre as possibilidades que são as suas de fazer atual o projeto de autonomia individual e coletivo que, excessivo ou restritivo, soube inspirar outras épocas e sujeitos.

Os organizadores

Neiva Afonso Oliveira

Avelino da Rosa Oliveira

Lílian do Valle